

## ASSIGNATURAS

Corte, anno.....	10\$000
Semestre.....	5\$500
Trimestre.....	3\$000
Mez.....	1\$000

Pagamento adiantado

**O SORRISO**

## ASSIGNATURAS

Provincias, anno.	12\$000
Semestre.....	7\$000
Trimestre.....	4\$000
Mez.....	1\$500

Pagamento adiantado

JORNAL SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO  
Dedicado ás Moças Brasileiras

PROPRIEDADE DE M. J. MACHADO & F. A. COSTA

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA

Numero avulso 100 rs. Edição especial do assignante 200 rs.

COLLABORAÇÃO FRANCA AOS ASSIGNANTES

Collaboradores effectivos:—Drs. Mello Moraes, Luiz Cardoso, Bernardino Bormann, Macedo de Aguiar, Agostinho de Araujo, S. Junior, Alfredo Gomes e Symphronio Cardoso.—Constantino do Amaral Tavares, Victor da Cunha, Augusto Emilio Zaluar, J. M. Tavares, João Mendes, D. Alice Clapp, Dr. Mello Moraes Filho, Dr. Walduroff, M. J. F. Guimarães, M. F. Machado, F. A. Costa, etc.

Escriptorio e Redacção.—Rua de Gonçalves Dias 28

**Anno I Rio de Janeiro, 4 de Dezembro de 1880 N. 19**

**No céu**

Dizem que além das estrellas,  
Por esse azul da amplidão,  
Fica dos anjos celestes  
A pura e santa mansão.

Dizem mais que quando a noite  
Sobre a terra estende o véu,  
Deus consente que os anjinhos  
Andem brincando no céu.

Pois bem! tu que és anjo e foste  
Entre os anjos habitar  
Vem á noite escondidinha,  
Teu semblante me mostrar.

Debruçada n'uma nuvem,  
Que o teu corpo ha-de esconder,  
Pódes deixar que eu te veja  
Sem ninguem no céu te vêr.

N'aquella estrella, n'aquella  
Que mais brilha ao pé da cruz...  
Irei á noite encherger-te  
Toda vestida de luz.

Então eu posso, quem sabe?  
Romper do infortunio o véu,  
Ser feliz, vendo o teu rosto  
Entre as estrellas do céu.

Vem, pois!... Envolta na nuvem,  
Ninguem te conhecerá;  
Só eu te verei da terra,  
Nem Deus no céu saberá.

V. Cy.

**Na roça**

Era a festa annual da freguezia,  
A mais notavel festa em qualquer roça,  
O dia em que o aldeão vai fazer troça,  
Pela estrada muito ancho de alegria.

Tambem eu fôra lá passar o dia,  
Tomar parte na patuscada grossa,  
E aos trambolhões, compressos na carroça,  
Lá fomos em devota romaria.

Mas festa alguma existe sem ter «cella,»  
Procurei por ali qual a mais bella,  
P'ra render-lhe homenagem, já se vê.

Achei-a, e bem bonita, era um arranjo;  
Segredei-lhe uma graça: eis que o meu anjo  
Espantado exclamou: « Gentes, uè! »

S. JUNIOR.

### Arte da belleza

Descurados os principios que assim de passagem assignalamos apenas, a belleza da mulher, no Brasil, começará por ser mais imaginaria que verdadeira, mais convencional que positiva, á custa dos julgamentos d'aquelles que só tradicionalmente a conhecem.

Como o botão de flor carece dos raios do sol que o ajudem a descerrar as petalas, assim a belleza feminina precisa dos esplendidos raios do sol da arte, para revelar-se, para impor-se aos seus admiradores.

De outro modo, no *Olympo brasileiro*, os deuses não brigarão pelo outhorgamento do pômo á mais bella: todos serão igualmente FEIOS.

— Nem de magua morrerão as nossas *Lais*; os seus *psychés* terão sempre de reflectir umas descoradas *parodias* de umas creaturas a quem a natureza favoreceu, quem sabe?, mas a ausencia de gosto, a falta de sentimento artistico inutilisou.

No emtanto, em paiz algum, mais prodiga e abundantemente a Providencia accumulou tanto, todos os variados typos de todas as bellezas do que aqui.

Póde-se afoutamente dizer que cada uma provincia fornece um exemplo á nossa proposição.

Em cada uma d'ellas a imaginação mais exigente encontrará facilmente molde á sua criação, typo ao seu ideal.

— E' preciso, porém, educar-lhes o gosto.

— E' preciso desvendar-lhes uns tantos segredos, que ellas guardam desconhecidos, com o mesmo pouco prestimo dos thesouros

dos aváros, e que as mais das vezes, por isso mesmo que não sabem sufficientemente presal-os, os desperdiçam.

VICTOR DA CUNHA.

(Continúa)



### Forget me not

De verde botão  
Desabrocha a rosa  
E toda fragante  
Se exhibe mimosa.

O zephyro a recata  
Se a abelha a maltrata.

Na haste que a prende  
Aculeos diviso;  
Da flor, são cautelas,  
Na rosa é preciso.

Provocam-lhe o pejo  
Que accende o desejo...

Colibri sedento  
Não sugue esta flor:  
Seu mel só pertence  
A mim, seu amor.

Não negues oh! Rosa  
Qu'es minha, formosa.

O zephyro é Deus  
Que vem bafejar-te;  
Eu rogo e tu pede-lhe  
Que me deixe amar-te.

Se amar é assim:  
Lembra-te de mim.

DR. WALDUROFF.



**Por causa d'um primo**

(SCENA DE CIUMES)

## XIII

A commoção embargara a voz da pobre moça, que tão fielmente fazia a narração de seu malfadado amor, infeliz paixão que seria obrigada a esquecer para dar vasto campo a sua irmã, que não cedia d'elle uma só pollegada.

Depois, alentada por sua avó, que dir-se-hia tristemente maravilhada d'aquella candida confissão, á qual fôra levada para abrandar as iras de Olympia, continuou:

— Sim, minha irmã; Deus sabe que nunca te trahi. Se havia, em mim certo retrahimento, é porque eu tinha o natural egoismo d'um coração que ama pela primeira vez; e a castidade em que eu tinha esta affeição era para mim tão santa, que subir-me-hia o rubor ás faces se te revelasse o meu segredo. E agora... Porém, permite que eu acabe esta narrativa, que tanto me magôa. Quero tranquillisar-te o espirito para não dizeres de futuro que eu fui causa de qualquer pezar que porventura te sobrevenha.

— Sim, póde continuar, e disponha as coias como melhor lhes convenha.

— Estranho-te hoje, Olympia, observou D. Maria das Dores. Eu estou aqui para ajuizar do que ella disser. Falla, Isabel.

— Como dizia, resolvemos escrever ao primo para que voltasse a nossa casa, e no momento em que Olympia traçava as primeiras palavras, não sei o que em mim se passou, que me tornei imprudente. Sou a primeira a confessal-o, não o devia fazer; porém, impellida por uma força occulta, arrebatei das suas mãos o papel em

que escrevia e despedacei-o sem attender á gravidade da offensa.

« A idéa de que minha irmã amava o primo atravessou-me o pensamento; contudo, parecendo-me infundada, attribui-a ao muito ciume que eu tinha d'este amor que verei morrer em meu peito; e quando me dispunha a pedir perdão a Olympia, eis que se descobre tudo quanto eu suppunha.

« Pois bem; a verdade é esta. Entretanto, para que não fique no teu espirito a mais leve sombra de duvida, ahí estão todas as cartas que elle me escreveu. Toma, guarda-as, minha irmã; são o maior penhor da lealdade com que te fallo. Nada quero possuir que me recordé os dias de bonança que me embalam a existencia. Imaginarei que tudo foi um sonho que me acariciou por um instante, illudindo-me com feroz atrocidade, mas não deixarei de ser tua amiga; pois se alguma de nós é culpada, sou eu, que não soube refrear as impetuosidades do coração, que teve a infelicidade de ser desventurado em sua primeira sympathia.

« Os dias d'esta existencia que eu via deslizar tranquillos e risonhos, olvidal-os-hei; a sua duração foi ephemera; porém o destino não quiz conceder-me mais; e, caprichoso sempre, deixou-me enlevar por este amor fatal, abrigando-me sob as doiradas aras da esperanza, para depois me ferir mais fundo.

« Oh! mas é horrivel este soffrimento!... Porém tu constranges-te, Olympia? Perdôa-me este desafago de uma alma que se sente esmagada pelo peso do infortunio; deixa-me chorar, que estas lagrimas que me vês, são vertidas pela saudade de dias que não voltam mais... que não quero usurpar-te.

« Sê tu feliz com esse homem, a quem eu podia accusar de desleal senão fôra haver ainda desculpa para o seu leviano procedimento, e não me queiras mal, porque eu sou uma desditosa, que me deixei fascinar pelos primeiros impulsos do coração, ignorante d'este triste desenlace.»

A moça, com os braços cruzados, a fronte meio inclinada sobre o regaço, onde lhe cahiam as lagrimas, que rolavam em fio, parecia, n'esta compassiva posição, esperar da irmã uma palavra, um só gesto de conforto, quando se ouviu um ruido de passos desordenados que cada vez mais se approximava.

D'ahi a pouco entrava o moleque, prodigo em esgares e garatujas, como quem se suppõe portador de uma noticia alegre.

Ainda bem não havia transposto a porta, já elle dizia:

— Viva! viva! cá temos o priminho amanhã!

Esta exclamação produziu um estremecimento nas duas irmãs.

Quando entrou e viu que as suas palavras não tinham produzido o desejado effeito, o moleque estacou.

Dir-se-hia ter ficado contristado á vista d'aquella scena intima de familia, que a sua perspicacia lhe havia denunciado.

Depois, grave e solenne, aproximou-se de D. Maria das Dores.

— Sinhá moça manda dizer que amanhã vem cá e mais o seu Antoninho.

— Está bom, deixa-nos sós.

O rapaz não pôde sahir sem observar lá para si:

— Isto é trapalhada! Mas eu hei-de sabel-o.

Passado um momento, D. Maria das Dores, com a sua habitual meiguice, dirigiu-se a suas netas.

— Ahi está; esta noticia deve alegrar-vos; é preciso que vos mostreis contentes para receberdes amanhã o vosso primo, e deixai que o destino decida por si.

— Ah! suspirou Isabel, a minha alegria... morreu!

— Tem graça! objectou Olympia com ironia, então a 'senhora fica triste na occasião em que vai tornar a ver o seu futuro noivo?

— Meu Deus! meu Deus! exclamou D. Maria das Dores, como para abster-se de reprehender de outro modo o proceder de Olympia.

— Não, minha irmã, não é meu noivo. Esse sonho hade esvair-se-me da memoria, porque a ventura que me acenou com o seu brilho fallaz, foi invejada por ti, que me guerreias desapiedadamente, sem saberes de quanto eu sou capaz. Pois bem. Aqui, na presença de nossa avó, tomando a Deus por testemunha da verdade do que digo, asseguro-te que jámais serei esposa de meu primo, promettendo afastar-me o mais possivel d'elle para não estorvar a tua felicidade, pela qual sómente me sacrifico. Oh! vai ser grande a lucta entre a cabeça e o coração; porém verás, minha irmã, como eu hei-de saber soffrer por tua causa!

Com o olhar radiante de contentamento, Olympia segurou das mãos da irmã com violencia febricitante, exclamando:

— Juras que me deixarás amar livremente nosso primo?

— Sim, juro-o pela memoria de nossa mãe!

— Que grandeza d'alma a tua, minha neta!

(Continúa)

F. ARTHUR COSTA.

**Minha esperança**

Minha esperança fagueira  
Murchou!—a brisa ligeira  
Levou-lhe as pet'las gentis;  
Hoje pende desmaiada  
Como a flor do sol crestada,  
Só tem myrrhados perfis.

Viste a flor da sepultura,  
Que s'inclina com ternura  
Em sublime languidez?  
—Pois assim hoje descança  
A minha doce esperança  
No regaço da mudez.

Foi como um sonho doirado,  
Tão depressa dissipado  
Da mente que o criou:  
Como um bafejo da brisa,  
Que o lago de manso frisa  
E rente, rente passou.

Foi como um triste suspiro,  
Gemido—que no retiro,  
Outr'ora d'alma soltei,  
Quando—longe dos meus lares,  
Atravez dos crespos mares,  
Eu só co'as dores me achei.

Mas, quanta vez no horiz onte  
Da lua ao mago dispoñte  
Não perde o casto fulgor,  
A mais brilhante estrellinha,  
Qu'inda fulge, coitadinha!  
Por influencia de amor?!

Quanta vez a flor myrrhada  
Sente a brisa perfumada,  
O orvalho que cãe do céu;  
— Suave, doce, mysterio,  
Que lhe dá um refrigerio  
Da noite no plumbeo véu?!

Talvez que a minha esperança  
Como a estrellinha que lança  
O dubio, tenue clarão:  
Na tempestade medonha  
Da descrença—inda risonha  
Me acalente o coração.

Talvez que ella—a querida,  
Como a flor n'haste pendida  
Do céu á gota que cai;  
Reverdeça—e pura e linda,  
Embalsame a dor infinda  
Qu'exhalo n'um terno ai.

Talvez! mas, não! quem podera?...  
Hontem verde primavera,  
Céu esplendido de luz;  
Hoje completa mudança,  
Hoje fanada a esperança,  
Hoje o sepulchro e a cruz!

Quando o sol na fulva raia  
Pende a cabeça e desmaia  
Qual venerando ancião;  
E a noite vem languorosa  
Sobre ella gemer saudosa  
N'esta placida mansão;

Sim, n'est'hora meiga e bella  
Em que Deus mais se revela  
E a fé rerverbera mais;  
Mirando o formoso astro  
Branco, puro, d'alabastro  
Ambula que encerra os meus ais;

Minha esperança deslumbra:  
— Luz da vida na penumbra,  
Iris do céu na amplidão;  
Oh! flor que desfolha o vento,  
Mas que pôde n'um momento  
Nascer, rebentar do chão!

Das auras aos rumorejos  
Eu mando meus castos beijos  
Aquecer os seios teus;  
Lá, n'essa plaga bemdicta,  
Onde a verdade palpita  
Na eterna frente de Deus.

Então digo: não 'stá morta,  
Pois que ainda me conforta  
No desconforto em que estou;  
E' ella que vem azinha...  
Volta, volta ó andorinha,  
A primavera raiou!

Não vês como cresce a planta,  
 Como a ave meiga canta  
 Nos flexiveis bambus ?  
 Como o lago mais se azula  
 E a natureza pullula  
 A um sol repleto de luz ?

Não vês no horizonte, ao longe,  
 Austero vulto de monge,  
 Que á beira-mar se assentou ?  
 Atalaia immensa, erguida,  
 Materia que não tem vida  
 Pois que assim Deus a formou ?

Não vês as brancas cascatas,  
 As rudes selvas, as mattas,  
 Que balanceia o tufão ;  
 Quando estala a tempestade  
 No seio da immensidade  
 Em terrivel convulsão ?

Não vês o mar que na praia  
 Raivoso espuma e s'espraia  
 Da penedia ao sopé ?  
 Estes astros que gravitam,  
 Estes seres que palpitam,  
 Dize, dize o que isto é ;

Se não a orchestra divina,  
 Que mais se apura e se afina  
 Perante a nossa razão ;  
 Como no dia solemne,  
 Em que de vida—perenne,  
 Do cahos surge a criação ?

Não vês estes velhos rios,  
 Como selvagens bravios  
 Investindo o cavo mar ;  
 Emquanto de suas margens  
 Reflectem—doces miragens  
 N'agua—as sombras do palmar ?

Dá magnolia no seio,  
 Sorvendo amoroso enleio,  
 O insecto d'ouro não vês ?  
 Não vês a loira criança,  
 Que corre após ella e cança,  
 E corre, afflicta, outra vez ?...

Eia, pois ! não esmoreças,  
 Luz ! não empallideças,  
 Flor ! não desmaies assim ;  
 O mundo é torpe,—o céu ama,  
 E' lá que a esp'rança s'inflamma  
 Aos beijos de um cherubim

SYMPHRONIO CARDOSO.



### Mote

Bateu as azas fugiu.

GLOSA

Apresentou-se Cupido  
 Armado de aljava e settas,  
 E de formosura as métas  
 Procurava desabrido ;  
 Encontrando-se comigo,  
 Não pôde, não conseguiu...  
 Mostrar que de Deus partiu,  
 E ficando envergonhado,  
 Por se vêr atrapalhado,  
 Bateu as azas, fugiu.

DR. LUIZ CARDOSO.



## Serões da Provincia

POR

JULIO DINIZ

### AS APPREHENSÕES DE UMA MÃE

Alguns portuguezes chegados de Paris,  
 a quem interroguei, não o tinham visto, ou  
 davam-me a seu respeito informações inexac-  
 ctas.

Assim se passaram seis annos.

Um dia, chegando a casa, recebi uma  
 carta que me viera pelo paquete ; trazia o  
 carimbo de Saint-Nazaire.

Abri-a, ignorando quem me escrevia, tão  
 remota, confesso-o, me andava já a idéa do

pequeno Thomaz, em quem me habituara quasi a não pensar.

Comtudo, a carta era d'elle, e concebida assim :

« Meu caro D...

Com razão me deve suppor uma creatura bem desagradecida.

Nem eu sei como justificar-me do conceito. Comtudo não me chame voluvel, não pense que os fulgores de Paris, poderam offuscar na minha memoria as scenas da patria, e principalmente as ultimas, que n'um momento decidiram do futuro da minha vida inteira. Não júlgue, se não quer ser injusto tambem. Ainda a saudade me falla d'ellas, e a esperança me faz palpar o coração, mostrando-me proxima a epocha de vêr realisados aquelles meus antigos sonhos,—sonhos que nunca me abandonaram, felizmente. Não lhe tenho escripto, não me pergunte porque, que mal lh'o poderei dizer. Não me absolverá sem penitencia? A esperança faz parte da bagagem do peccador; eu não desanimo.

Estou em Saint-Nazaire. Não me foi possivel partir, como desejava n'este paquete, o que espero fazer para o seguinte.

Conto, pois, abraçal-o dentro em pouco, convidando-o desde já a acompanhar-me a Entre-arroios, para assistir á inauguração da minha felicidade.

Paulina espera-me. Minha mãe tem-me escripto e informado, mez por mez, do viver de toda a minha gente em Entre-arroios. Os dias continuam a correr-lhe alli n'aquella santa placidez em que eu fui creado e onde só vejo a minha felicidade, se n'isso não consiste a felicidade de todos.

Adeus; breve conversaremos mais.

P.S.—Que cabeça a minha! Ia-me esquecendo participar-lhe que me formei

em medicina. Satisfiz a vontade de meu pai. Pude relacionar-me com algumas das principaes capacidades litterarias scientificas de Paris, e acho-me um pouco peor d'uma impertinente doença que d'ahi trouxe— a poesia. Adeus, adeus; hei-de fallar-lhe com mais vagar de minhas viagens pela França, e d'outras ainda mais do meu gosto, por um mundo menos real.

Seu affeiçoado,

THOMAZ DE AVELAR. »

Esta carta trouxe-me novamente á recordação todas as scenas passadas em Entre-arroios.

Seis annos tinham decorrido, os seis annos que D. Margarida marcára á ausencia de Thomaz. O que se passára durante este tempo e o que se ia passar agora?

Thomaz via eu, com verdadeiro prazer, que se não esquecera em Pariz da sua desposada de Entre-arroios. Mas o que sobretudo me maravilhou foi o ter D. Margarida escripto ao filho por todos os paquetes, descrevendo-lhe a vida de Entre-arroios, a qual correra, segundo me dizia Thomaz, com a placidez costumada.

Logo não havia ella, como me tinha dito, abandonado a aldeia. Porque não me escreveria então?

Por mais que scismasse, não me foi possivel encontrar explicação satisfactoria, e não pensei mais n'isso.

Passado um mez, entrava Thomaz no meu quarto e apertava-me nos braços com verdadeira alegria

Algumas alterações soffrera n'elle a physionomia durante os annos que viveramos separados. O rosto perdera a expressão infantil que tinha ainda em Entre-arroios, quando pela primeira vez o co-

nheci; era agora uma face mais varonil, mas tão nobre e intelligente como d'antes.

— Então, *mon cher docteur* — disse-lhe eu — eil-o de volta? e sem que toda a sua sciencia, ao que parece, tenha conseguido cural-o de uma doença de coração, com que partiu.

— Venho peor, muito peor — respondeu-me sorrindo.

— Devéras? Pois confesso que receei nos apparecesse curado.

— Receio bem pouco lisongeiro para o meu character.

— Isto não é questão de character. São mysterios do coração que eu desculpo e respeito quasi.

— Seja o que quizer. Agora vamos a saber: está disposto a acompanhar-me a Entre-arroios?

— Da melhor vontade.

— Partimos ámanhã?

— Hoje que queira.

— Seja hoje.

Passamos o dia juntos. Contou-me a sua vida em Paris, vida exemplar para um rapaz d'aquella idade; seus felizes successos na eschola de medicina, onde fôra reputado entre os melhores e suas *pequenas fortunas litterarias*, como afrancezadamente elle dizia.

Thomaz voltava com uma instrucção solida, uma superioridade de vistas, um gosto apurado, que me fizeram lembrar dos receios da senhora de Entre-arroios.

Como poderia, de facto, esta intelligencia satisfazer-se com o espirito inculto d'uma rapariga aldeã, depois de saciados os primeiros ardores da paixã?

O plano de D. Margarida peorára a situação, ao que me parecia, exagerando a desigualdade.

(Continúa)

## MOSAICO

Vinha um soldado de tirar um dente e o sargento diz-lhe:

— O' bruto, pois tiram-te um dente são, deixando-te o ruim e não dizes nada?

— E' que m'ó tiraram de graça, meu sargento.

— Ah! isso então é outro caso.

...

### DA MEDICINA

A morte perdendo a fouce,  
Creu sua força desfeita:  
Disse-lhe um medico insigne:  
« Aqui tens esta receita. »

...

Achavam-se n'um botequim dous estudantes, que fallavam sobre a invenção das armas, dizendo um que ellas se tinham inventado no anno do Senhor de 1382, e o outro que a sua origem era mais remota.

— Mas essas não eram de fogo, observou o primeiro.

— Quem te disse que não eram de fogo? Não te lembras como Virgilio começa a sua immortal Eneida? *Arma virumque cano*—armas de vareta e cano?

...

A mais refinada malicia é a que se disfarça com apparencias de virtude.

...

Adoeceu gravemente um sujeito conhecido por grande bebedor. Veio um medico e disse-lhe que se não se emendasse, podia contar com a morte, porque todo o seu mal vinha do copo.

— Eu prometto, disse elle, que nunca mais pegarei no copo; d'aqui em diante beberei pela caneca.

---

A decifração das charadas do n. 18 é Amortalhado, Odio, Côxo.